



DESEMPAREDAMENTO DOS BEBÊS: perspectiva de construção de uma relação afetiva com o meio ambiente

UNWALLING BABIES: perspective of building an effective relationship with the environment

Daniele da Silva Rodrigues Fonteles¹

Joana Diógenes Saldanha Irineu²

RESUMO:

Este relato apresenta uma experiência de desemparedamento desenvolvida com bebês do Berçário do Centro de Educação Infantil Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza (Fortaleza, CE), centrada na construção de vínculos afetivos com o ambiente natural. Realizada no segundo semestre de 2024, consistiu-se em uma série de vivências sensoriais, estéticas e corporais ao ar livre, nas quais os bebês exploraram cores, texturas, aromas e sons da natureza. Iniciou a partir da constatação da permanência prolongada dos bebês em espaços fechados e da necessidade de ampliar a presença do meio natural na rotina educativa. Essa experiência foi sustentada teoricamente por autores como Barbieri (2022), Piorski (2016) e Tiriba (2022) e dialoga com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (2018) e do Documento Curricular Referencial do Ceará (2019), valorizando o brincar livre, o respeito aos ritmos infantis e a experimentação. Metodologicamente, a ação pautou-se na escuta sensível, na observação sistemática e na intencionalidade pedagógica. Os resultados revelaram ampliação do repertório sensorial, fortalecimento dos vínculos afetivos e crescente interesse dos bebês pelos espaços externos. Reafirma-se a relevância da natureza como espaço educativo e como mediadora da formação de uma consciência ecológica desde a primeira infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desemparedamento. Natureza. Bebês. Afetividade.

ABSTRACT:

This report presents an unwalling experience carried out with babies from the nursery of the Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza Early Childhood Education Center (Fortaleza, CE), focused on fostering affective bonds with the natural environment. Conducted during the second semester of 2024, it consisted of a series of outdoor sensory, aesthetic, and bodily experiences in which the babies explored the colors,

¹ Mestranda em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da secretaria de educação de Fortaleza/CE.

² Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Professora da secretaria de educação de Fortaleza/CE.

textures, aromas, and sounds of nature. The initiative arose from the recognition of the babies' prolonged permanence in enclosed spaces and the need to expand the presence of natural elements in their daily educational routine. This experience was theoretically supported by authors such as Barbieri (2022), Piorski (2016), and Tiriba (2022), and aligned with the principles of the National Common Curricular Base (2018) and the Ceará Referential Curricular Document (2019), emphasizing free play, respect for childhood rhythms, and experimentation. Methodologically, the action was grounded in sensitive listening, systematic observation, and pedagogical intentionality. The results revealed an expansion of sensory repertoire, strengthening of affective bonds, and growing interest of the babies in outdoor spaces. The experience reaffirms the relevance of nature as an educational environment and as a mediator in the formation of ecological awareness from early childhood.

Keywords: Early Childhood Education. Unwalling. Nature. Babies. Affectivity.

1 INTRODUÇÃO

Nas instituições de Educação Infantil, especialmente nas turmas de berçário, observávamos com frequência a permanência prolongada dos bebês em ambientes fechados, onde as experiências se restringiam ao controle do tempo, do corpo e das relações. Essa rotina, embora organizada em nome da segurança e do cuidado, acabava reduzindo as possibilidades de exploração e de contato com o ambiente natural, limitando dimensões fundamentais do desenvolvimento humano. Tal constatação nos motivou a realizar uma prática pedagógica investigativa, cujo propósito foi compreender como o desemparedamento, entendido como a abertura dos espaços e das experiências educativas ao ambiente natural, poderia contribuir para o fortalecimento dos vínculos afetivos dos bebês com a natureza e para a ampliação de suas aprendizagens.

O problema que norteou essa experiência consistiu em refletir sobre de que modo o contato direto e frequente com a natureza favorece o desenvolvimento integral dos bebês e contribui para a formação de uma consciência ecológica desde a primeira infância. Essa questão surgiu considerando que os bebês moram em um contexto urbano marcado pelo afastamento entre o humano e o natural, e que essa realidade também se fazia presente nas práticas educativas. A ausência de experiências ao ar livre no cotidiano do berçário se configurava como um fator de empobrecimento sensorial, estético e afetivo, contrariando os princípios expressos na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e no Documento Curricular Referencial do Ceará – DCRC (2019), que orientam a oferta de vivências

diversificadas, interativas e ambientalmente conscientes desde os primeiros anos de vida.

A realização dessa ação investigativa se justificou pela necessidade de repensarmos as práticas pedagógicas que, ao se distanciarem da natureza, desconsideravam o papel formador do espaço, do corpo e dos sentidos. Conforme aponta Tiriba (2022), o afastamento dos seres humanos do mundo natural está intrinsecamente ligado ao desequilíbrio ambiental contemporâneo. Nesse sentido, proporcionar aos bebês o contato com a natureza representou bem mais que um momento de lazer, mas um compromisso ético e educativo com a vida, o pertencimento e o cuidado com a Terra. Essa prática reafirmou o direito dos bebês à participação, à exploração e à experiência estética no cotidiano escolar.

O objetivo geral da experiência foi analisar de que modo as práticas de desemparedamento contribuíram para a construção de vínculos afetivos entre os bebês e o ambiente natural, promovendo vivências significativas de aprendizagem e desenvolvimento integral. Para alcançar esse objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos: i) identificar, na rotina institucional, possibilidades de contato dos bebês com a natureza; ii) planejar e realizar experiências de desemparedamento com foco na exploração sensorial e estética do ambiente natural; iii) observar e registrar as manifestações de curiosidade, encantamento e vínculo dos bebês durante as vivências; iv) avaliar as transformações observadas na rotina e nas relações estabelecidas entre os bebês, os adultos e o meio natural.

A hipótese central que orientou o trabalho sustentou que a ampliação do contato dos bebês com o ambiente natural, por meio de práticas sistemáticas de desemparedamento, contribuiu para o fortalecimento dos vínculos afetivos, o desenvolvimento da autonomia e a construção de uma consciência ecológica inicial. Essa hipótese partiu do pressuposto de que os bebês são sujeitos sensíveis e ativos, capazes de se relacionar com o mundo por meio dos sentidos e das emoções, e de que o ambiente natural, quando incorporado ao cotidiano educativo, se torna um espaço potente de aprendizagem, cuidado e convivência.

Nessa perspectiva, este relato de experiência apresenta os caminhos que percorremos, as descobertas que realizamos e as reflexões que produzimos, demonstrando que o desemparedamento constituiu-se como uma prática inovadora, representando um gesto de reconciliação entre o humano e o natural, entre o cuidar

e o educar, entre a escola e o mundo.

2 METODOLOGIA

A experiência pedagógica foi realizada com a turma de Berçário do Centro de Educação Infantil Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza (CEI), pertencente à Rede Municipal de Fortaleza, durante o segundo semestre de 2024. O grupo era composto por oito bebês, com idades entre onze e dezoito meses, acompanhados por duas professoras regentes e uma auxiliar de sala. As famílias participaram de momentos pontuais de socialização das vivências, contribuindo para o fortalecimento do vínculo entre o espaço escolar e o contexto familiar.

Do ponto de vista metodológico, tratou-se de uma pesquisa-ação fundamentada na observação participante e na escuta sensível, conforme os princípios dessa abordagem, apresentados por Thiollent (2011). O percurso adotado compreendeu um movimento contínuo entre planejamento, vivência e reflexão, em um processo cíclico de ação e análise, característico das pesquisas que integram prática e investigação no campo da Educação Infantil.

As experiências foram desenvolvidas nos espaços externos da instituição, com foco na ampliação das vivências sensoriais e estéticas dos bebês. O planejamento das ações pedagógicas teve como ponto de partida a observação atenta dos gestos, olhares, movimentos e balbucios, compreendidos como formas legítimas de comunicação e expressão. Essa leitura sensível das manifestações infantis orientou a criação de contextos de aprendizagem que priorizaram o contato direto com a natureza: a luz, o vento, a terra, a água e os aromas do ambiente, como eixos estruturantes da prática educativa.

Os instrumentos de registro utilizados incluíram anotações em diário de campo, registros fotográficos e vídeos curtos, que documentaram as interações dos bebês com os materiais e os elementos naturais. Esses registros foram analisados qualitativamente, buscando identificar expressões de curiosidade, encantamento, permanência e vínculo afetivo com o meio natural. A análise seguiu um processo interpretativo inspirado na observação estética e fenomenológica, privilegiando a leitura das experiências a partir dos sentidos e das emoções evidenciadas nas ações dos bebês.

A experiência foi inspirada nas reflexões de Tiriba (2022), que compreende o

emparedamento como o confinamento simbólico e físico das crianças em ambientes restritos, propondo, em contrapartida, o desemparedamento como reconexão com o mundo natural. Esse conceito norteou as práticas que se desenvolveram ao ar livre, nas quais os bebês puderam experimentar a liberdade do corpo, o prazer do movimento e o contato direto com os elementos da natureza.

Essa experiência dialogou com a abordagem de Lóczy, segundo a qual o movimento livre e o brincar independente são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e da personalidade saudável das crianças pequenas (Kálló; Balog, 2017). Também se apoiou nas contribuições de Appell e David (2021), que destacam a importância de vivenciar o cuidado como espaço de prazer e descoberta, e de Piorski (2016), que valoriza a potência imaginativa e sensorial do brincar com os elementos da natureza.

As ações foram estruturadas em quatro etapas principais: i) diagnóstico e observação inicial da rotina institucional, com o objetivo de identificar momentos e espaços que favoreciam ou restringiam o contato com o ambiente natural; ii) planejamento coletivo entre as professoras da turma, voltado à criação de propostas de desemparedamento que valorizassem a exploração sensorial e a contemplação estética; iii) vivências com os bebês em diferentes contextos naturais, como piqueniques no jardim, brincadeiras com água, manipulação de frutas e experiências com tintas naturais, sempre acompanhadas de observação atenta, registro fotográfico e narrativo; iv) análise interpretativa dos registros, realizada em reuniões pedagógicas, nas quais discutimos as aprendizagens, o vínculo afetivo e o bem-estar dos bebês, bem como as implicações dessas práticas para a organização da rotina e dos espaços educativos.

As experiências foram conduzidas com intencionalidade pedagógica e flexibilidade, respeitando os tempos individuais dos bebês e acolhendo suas expressões espontâneas como parte integrante do processo educativo. O contato direto com o ambiente natural tornou-se o eixo central da metodologia, possibilitando a ampliação do repertório sensorial e motor e fortalecendo a dimensão afetiva e ecológica da infância.

Desse modo, o método adotado se configurou como um caminho de investigação vivida, em que a prática pedagógica se transformou em fonte de pesquisa e reflexão sobre os modos de ser, sentir e aprender dos bebês. O caráter

qualitativo da experiência permitiu compreender que a relação dos bebês com a natureza não se constrói por meio de discursos, mas de encontros corporais, sensoriais e afetivos, que dão sentido ao mundo e à vida desde o nascimento.

Nas subseções seguintes, apresentamos os detalhes dos procedimentos metodológicos adotados, com ênfase nas estratégias construídas para garantir o direito dos bebês ao brincar livre e à interação com o ambiente natural.

3 DA OBSERVAÇÃO NA ROTINA ÀS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA E COM A NATUREZA

No cotidiano da Educação Infantil, buscamos modos de organização que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento dos bebês, respeitando os tempos e as especificidades próprias dessa etapa, conforme orienta o currículo da Rede Municipal de Fortaleza: “oportunizem aprendizagem e desenvolvimento para bebês e crianças, a partir de tempos que respeitem o currículo e as especificidades desta etapa” (Fortaleza, 2023). A rotina, cuidadosamente estruturada, compreende tempos permanentes que se repetem diariamente, como os momentos de alimentação e higiene, e que, quando observados com atenção e sensibilidade, revelam interesses, descobertas e curiosidades dos bebês.

Essa escuta atenta só foi possível porque recusamos a lógica da pressa e passamos a garantir tempo para que cada bebê pudesse manipular, experimentar e explorar com liberdade. Tal escolha está em sintonia com Appel e David (2021), que destacam a importância do prazer presente nos momentos de cuidado: “através de cada cuidado deve-se procurar estimular o prazer que a criança tem em manipular, dominar, fazer sozinho e ser grande” (Appel; David, 2021, p. 65).

Durante os momentos de alimentação, ao oferecermos as frutas de forma livre, para que fossem tocadas, cheiradas e saboreadas, abrimos espaço para múltiplas experiências sensoriais. Mãos apertavam e espremiavam até o suco escorrer, bocas provavam com curiosidade ou saboreavam lentamente, olhos se fechavam em sinal de apreciação. A cena mostrava que comer também é brincar, explorar e sentir. Diante dessas reações, decidimos ampliar a proposta e levar os lanches para o espaço externo, promovendo um piquenique no jardim do CEI.

No jardim, os bebês sentiram o vento no rosto, ouviram o canto dos

pássaros, observaram outras crianças brincando e receberam visitas de irmãos mais velhos. Sentiam-se pertencentes àquele espaço. Quando dizemos que se sentiram grandes, não é no sentido de antecipar etapas do desenvolvimento, mas de afirmar sua capacidade de existir plenamente e ocupar o espaço com presença e significado.

A mudança de espaço para que os bebês experienciassem a rotina de uma forma diferente necessitou de planejamento, pois prevíamos que isso exigiria mais envolvimento da equipe para deslocar materiais, acompanhar os bebês no percurso e reorganizar os ambientes. As primeiras saídas dos bebês geraram encantamento no CEI, pois adultos e crianças observavam com admiração, como quem contemplava algo precioso, e realmente eram. Com o tempo, o momento se consolidou como um ritual coletivo.

Além da alimentação, observamos o entusiasmo dos bebês durante os momentos de banho. Foi a partir disso que iniciamos propostas envolvendo a água como elemento central do brincar. Introduzimos novos materiais: esponjas vegetais, rolinhos de pintura, potes de diferentes tamanhos, e oferecemos liberdade para exploração. Em cada interação, percebíamos estados de encantamento e permanência, que revelavam a natureza investigativa dos bebês. Nesse contexto, ganham sentido as reflexões de Piorski (2016), ao afirmar que os quatro elementos da natureza nutrem a vida imaginativa da criança, sendo a água a expressão de uma sensibilidade fluida, entregue e contemplativa:

Os quatro elementos habitam a imaginação, são um código de expressão da vida imaginária. Imaginar pela água faz vicejar uma capacidade fluida, entregue, emocional, saudosa e até melancólica, cheia de sentimentos, lacrimosa pela alegria ou pela saudade. (Piorski, 2016, p. 20)

Nessa experiência, uma bebê erguia a esponja encharcada até a altura dos olhos e acompanhava, com fascínio, a queda lenta dos pingos na bacia. Outro, ao seu lado, tentava capturar a água com as mãos, repetindo o gesto de fechá-las, como se quisesse aprisioná-la. Já um terceiro preferia a intensidade do movimento: batia com a palma da mão aberta na água e ria ao sentir as gotas tocarem seu rosto.

Essas vivências reafirmam que os tempos permanentes da rotina, quando acompanhados com intencionalidade e escuta atenta, revelam percursos educativos potentes. Ao percebermos o encantamento dos bebês nas explorações com

alimentos e com a água, compreendemos que havia ali um convite para novas descobertas. Então, passamos a oferecer tintas naturais, criadas a partir desses mesmos elementos, ampliando a dimensão estética e sensorial das experiências, em diálogo com a natureza e com os modos singulares de expressão da turma.

3.1 As tintas naturais: cores, sentidos e descobertas

Diversos alimentos que compõem a alimentação cotidiana dos bebês, como beterraba, cenoura, couve-flor, açafrão e urucum, são também importantes fontes de experiências sensoriais e expressivas. Esses vegetais, raízes e temperos, ricos em cores, texturas, cheiros e sabores, possibilitam múltiplas formas de interação dos bebês com a natureza. Quando amassados, esfregados ou simplesmente tocados pelas mãos pequenas, esses elementos se transformam e revelam novos significados, estabelecendo conexões e sentidos entre o corpo, a matéria e o mundo.

Durante os piqueniques realizados no jardim do CEI, ao oferecer as frutas inteiras e cortá-las diante dos bebês, observamos com clareza a atenção e a curiosidade despertadas por essa manipulação. Em uma dessas ocasiões, ao receber uma rodela de goiaba, um dos bebês tentou encaixá-la novamente no pedaço que permanecia na mão da professora. Repetiu o gesto algumas vezes, investigando a forma, até que, satisfeito, levou o fruto à boca. Esse movimento, aparentemente simples, revela a elaboração de uma construção singular sobre o objeto e sua origem: a compreensão de que aquela rodela pertence a um todo, a um corpo esférico, verde por fora e vermelho por dentro. Para os adultos, essa informação é conhecida e pouco mobilizadora. Para o bebê, trata-se de um conhecimento autoral sobre a natureza, que se forma pela experiência direta.

Essas observações reforçaram em nós a decisão de ampliar esse campo de descobertas por meio da experimentação com tintas naturais. Começamos com a beterraba, pela intensidade de sua coloração, vibrante e acolhedora. Preparamos o ambiente ao ar livre: organizamos recipientes de alumínio com a tinta, oferecemos beterrabas inteiras e cortadas, flores avermelhadas e disponibilizamos um grande tecido de algodão para a exploração. Essa preparação do ambiente tinha como intenção favorecer o encontro entre corpo, natureza e imaginação. Essa última, compreendida como potência vital. Nas palavras de Piorski (2016),

a imaginação, na criança, é como a semente, que em contato com a água, sai de sua latência, inibe os hormônios anticrescimento e inicia um poderoso processo elétrico, que acorda informações genéticas antiquíssimas com a função de reproduzir, proliferar, manter-se fiel à vida e a sua organicidade. (Piorski, 2016, p. 26).

Durante a experiência, cada bebê se aproximou de forma singular. Durante o contato inicial, um dos bebês aproximou-se com mais cautela que os outros. Ele chegou curioso, mas logo foi surpreendido pela cor intensa e pela textura desconhecida, seu olhar alternava entre a tinta e o rosto da professora, revelando certo estranhamento. Ao observar os colegas se envolvendo livremente com o material, ousou tocar a tinta com a ponta do dedo. Esse gesto hesitante, mas cheio de intenção, confirmou a sensibilidade da experiência. Barbieri (2022) afirma: “É impossível relacionar-se com uma cor sem envolver todos os sentidos. Afinal de contas, ela sempre nos remeterá a alguma memória, ideia, sensação, significado, associação” (Barbieri, 2022, p. 92).

Após a vivência com a cor vermelha, investigamos outras tonalidades extraídas da natureza. Oferecemos tintas preparadas com folhas de couve-flor e espinafre, possibilitando variações de verde, e com açafrão, trazendo tons amarelos. Além disso, plantamos beterraba e hortaliças, permitindo aos bebês acompanhar, ao longo do tempo, os ciclos de crescimento e transformação dos alimentos.

3.2 O passeio diário como possibilidade de contemplação

Poderíamos ter começado a descrição da experiência pelos passeios diários, mas decidimos deixá-lo permear por toda a escrita, como aconteceu no cotidiano. Quando percebemos a necessidade de ampliar o contato dos bebês com os espaços externos, compreendemos que antes era preciso conhecê-los. Iniciamos, então, uma pesquisa conjunta, bebês e professoras, sobre o território do CEI: quais espaços ofereciam sombra ao longo do dia? Quais os horários mais adequados para acessá-los? Como poderíamos conduzir os bebês com segurança e liberdade?

Nos horários de temperatura mais amena, partia o convite: “Vamos passear?”. As professoras se aproximavam da porta do Berçário, e os carrinhos de bebê, deixados pelas famílias no corredor, tornavam-se companheiros de jornada.

Alguns bebês demonstravam alegria ao subir nos carrinhos e percorrer os ambientes do CEI, outros, já com maior domínio corporal, preferiam empurrá-los com o apoio das professoras. O percurso revelava um espaço repleto de descobertas: adultos em movimento, portas se abrindo para novos cenários, crianças de diferentes turmas cruzando o caminho. Olhares curiosos se encontravam, gestos de afeto eram trocados, e até mesmo o simples passar de uma criança correndo despertava surpresa e encantamento nos pequenos exploradores.

Após esse momento, seguíamos por um corredor repleto de documentação pedagógica. Os bebês observavam atentamente o que estava ao alcance de seus olhos. Apontavam com os dedos, balbuciavam e, quando no colo, exploravam ainda mais. Nada parecia apressado. O ritmo era o deles. Havia atenção e envolvimento.

Descobrimos, em uma dessas andanças, que ao atravessar a sala do Infantil III, chegávamos a um quintal amplo, arejado, com presença de plantas e flores. Era um espaço acolhedor, onde os bebês podiam descer dos carrinhos, explorar com o corpo, tocar o chão, observar as folhas. Foi nesse quintal que realizamos parte das experiências com as tintas naturais. A cada retorno ao lugar, notávamos que os bebês se sentiam mais seguros e familiarizados. Nem sempre era necessário propor uma experiência específica, o simples ato de estar, observar e se relacionar com o ambiente já era, em si, uma experiência estética e sensorial.

Os passeios, esse ir e vir pelo CEI, “oferecem aos bebês uma diversidade de relações sociais, ampliam o seu campo de experiência e rompem com a monotonia cotidiana” (Appell; David, 2021, p. 107). Eles permitem o encontro com outras infâncias, o reconhecimento de outras culturas infantis presentes no território da escola, e fazem com que os bebês se tornem também produtores de cultura.

Ademais, é na experiência ao ar livre que se manifesta, desde muito cedo, a biofilia, esse vínculo inato com a vida e com o mundo natural. Tal conexão, no entanto, só se estabelece verdadeiramente por meio do contato sensível e contínuo. Não se ama o que não se conhece, nem se cuida do que está distante da vivência. Por isso, desde o Berçário, é importante que os professores possibilitem aos bebês o acesso às experiências de aproximação com a natureza, da qual somos parte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos registros e das observações que realizamos ao longo da

experiência evidenciou que o desemparedamento dos bebês produziu efeitos significativos sobre o modo como eles se relacionaram com o ambiente, com os adultos e entre si. As vivências ao ar livre, planejadas com intencionalidade pedagógica e fundamentadas na escuta sensível, revelaram a potência educativa dos espaços externos do CEI como territórios de descoberta, encantamento e convivência.

Os resultados confirmaram a hipótese de que o contato sistemático com a natureza contribuiu para o fortalecimento dos vínculos afetivos e para a ampliação das aprendizagens. No campo qualitativo, identificamos avanços expressivos na atenção, na curiosidade e na iniciativa dos bebês durante as explorações. Gestos sutis, como o toque em uma folha, o olhar atento diante da queda da água ou o sorriso provocado por uma cor intensa, indicaram formas genuínas de envolvimento e de produção de sentido no encontro com o mundo natural.

As experiências com frutas, folhas, flores, água e tintas naturais se configuraram como momentos privilegiados de investigação sensorial e estética. Nelas, os bebês vivenciaram o prazer de descobrir texturas, temperaturas, sons e aromas, transformando o contato com a natureza em uma linguagem própria. O que antes parecia uma simples brincadeira se revelou um processo de pesquisa ativa e corporal, no qual o conhecimento se construiu pela experiência direta e pelo diálogo entre corpo e ambiente.

Em termos quantitativos, os registros mostraram um aumento gradual no tempo de permanência dos bebês nos espaços externos, bem como o crescimento da participação e da autonomia nas propostas. No início, o tempo ao ar livre era breve e dependia de constante mediação das professoras; com o passar das semanas, os bebês passaram a demonstrar segurança e iniciativa, explorando os espaços com liberdade e expressando preferências por determinadas cores, cheiros e texturas, especialmente nas vivências com tintas naturais e com a água.

A interpretação desses achados nos permitiu afirmar que o ambiente natural atuou como mediador da aprendizagem e da afetividade, favorecendo o desenvolvimento integral, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018). O diálogo com Tiriba (2022) e Piorski (2016) reforçou que as experiências sensoriais e estéticas se constituem em caminhos para cultivar o vínculo com a vida e despertar uma consciência ecológica desde a primeira infância.

A natureza, quando presente no cotidiano institucional, deixou de ser mero cenário para tornar-se sujeito pedagógico, que provoca, inspira e educa.

Esses resultados ampliaram o que já se sabia sobre o papel dos espaços externos na Educação Infantil. Evidenciaram que o desemparedamento vai além da abertura física das portas da sala de referência: implica uma mudança de paradigma nas concepções de infância, currículo e cuidado. A prática pedagógica, quando atravessada pelo sensível e pelo natural, transformou-se em uma experiência estética e ética, reafirmando o direito dos bebês à exploração, à liberdade e ao encantamento.

5 CONCLUSÃO

A experiência que vivenciamos com os bebês do CEI Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza demonstrou, de maneira clara e sensível, que experiências envolvendo o meio ambiente são indispensáveis na formação humana desde o início da vida. Os resultados confirmaram o problema e a hipótese que havíamos levantado: o contato contínuo e intencional com o ambiente natural contribui para o fortalecimento dos vínculos afetivos, para o desenvolvimento da autonomia e para a ampliação das aprendizagens dos bebês.

O percurso vivido evidenciou que o desemparedamento superou a perspectiva de uma prática educativa inovadora; constituiu-se como uma atitude pedagógica comprometida com o respeito aos tempos da infância e com o direito de aprender em conexão com o mundo vivo. Ao aproximarmos os bebês da natureza, possibilitamos que o cotidiano se tornasse um campo favorável às descobertas, promovendo o diálogo entre corpo, ambiente e imaginação.

O processo também nos revelou que, mesmo em contextos urbanos, é possível garantir o contato direto e contínuo com a natureza, desde que haja escuta, planejamento e compromisso institucional. As transformações que observamos: maior engajamento, ampliação do repertório sensorial, fortalecimento da curiosidade e das relações afetivas, confirmaram que o ambiente natural se configurou como território de cuidado, aprendizagem e convivência, no qual o educar e o cuidar se integraram de forma indissociável.

Com base nas aprendizagens construídas, reconhecemos que o desemparedamento, enquanto prática pedagógica e perspectiva de educação

ambiental na primeira infância, representou um gesto de reconciliação entre o humano e o natural, reafirmando a escola como espaço de vida, de encontro e de pertencimento. O que aprendemos com os bebês, nesse processo, foi que a natureza ensina sem palavras, por meio das presenças e dos encontros, e que cada folha, cor e gota de água se transformou em convite ao encantamento, à escuta e à aprendizagem.

Como desdobramento desse trabalho, consideramos relevante a ampliação de estudos e práticas que aprofundem o desemparedamento na Educação Infantil, de modo a envolver diferentes contextos, faixas etárias e dimensões curriculares. Acreditamos que essa abordagem pode contribuir para a construção de uma cultura escolar mais sensível, sustentável e humanizada, na qual o vínculo entre criança e natureza seja reconhecido como princípio formativo e ético da educação desde o início da vida das crianças.

REFERÊNCIAS

APPELL, Geneviève; DAVID, Myriam. **Maternagem Insólita**. São Paulo: Omnisciência, 2021.

BARBIERI, Stela. **Territórios em transformação**. São Paulo: Jujuba, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental** / Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Fortaleza: SEDUC, 2019.

FORTALEZA. Secretaria Municipal da Educação. **Orientações para organização de rotinas na educação infantil**. Fortaleza: SME, 2023.

KÁLLÓ, Éva; BALOG, Györgyi. **As origens do brincar livre**. São Paulo: Omnisciência, 2017.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.